Carta do Prelado (novembro 2015)

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Grande é a minha alegria pela ordenação diaconal de um grupo de irmãos vossos, que se realizou ontem na Basílica de S. Eugénio. Estes meus filhos, dedicados às atividades apostólicas da Prelatura, que é uma parte viva do Corpo Místico de Cristo, servirão com toda a sua alma a Igreja, tão necessitada de ministros sagrados que lutem por ser santos, cultos, alegres e desportistas na vida espiritual, como S. Josemaria desejava. Peçamos insistentemente a Deus que este dom nunca falte em todo o mundo, com seminaristas e sacerdotes santos nas dioceses.

O início deste mês traz à nossa mente a tão consoladora verdade da Comunhão dos santos. Hoje recordamos especialmente os fiéis que já desfrutam da Santíssima Trindade no Céu. E amanhã estarão muito presentes nas nossas orações os fiéis defuntos que ainda se purificam no Purgatório, com quem havemos de travar uma profunda amizade.

Lembro-me da devoção com que o nosso Padre vivia este dia, esperando que, graças também aos sufrágios que a Igreja oferece, as benditas almas recebessem a remissão total das penas temporais devidas aos pecados, e pudessem assim chegar à presença beatificante de Deus. Tanto o impulsionava esta manifestação de misericórdia, de caridade, que dispôs que no Opus Dei se aplicasse frequentemente a celebração da Santa Missa, a Sagrada Comunhão e o Terço pelo descanso eterno das suas filhas e dos seus filhos, dos nossos pais e irmãos, dos Cooperadores falecidos, e por todos os que deixaram este mundo. Sejamos generosos na aplicação destes sufrágios, e acrescentemos da nossa parte o que nos parecer oportuno, sobretudo o oferecimento de um trabalho bem acabado, com espírito alegre de oração e de penitência.

Muito pertinente é a recomendação de S. Paulo: *cotídie mórior* [1], cada dia morro para o pecado, para ressuscitar com Jesus Cristo. S. Josemaria, ao assumir o conselho do Apóstolo, convidava-nos a meditar muitas vezes no final da vida terrena, com o objetivo de nos prepararmos o melhor possível para o encontro com Deus. A morte é uma realidade que afeta todos, sem exceção. Muitos a temem e fazem o possível por esquecê-la. Não deve ser assim para um cristão coerente com a sua fé. ***Aos "outros", a morte paralisa-os e espanta-os. A nós, a morte - a Vida - dá-nos ânimo e impulso. Para eles, é o fim, para nós, o princípio*** [2].

Contudo, este passo apresenta-se-nos às vezes com contornos dramáticos, especialmente quando surge de forma imprevista, ou quando atinge gente jovem, diante de quem se abria um futuro cheio de possibilidades. O Santo Padre comenta que nesses casos, para muitas pessoas, **a morte é como um buraco negro que se abre na vida das famílias e ao qual não sabemos dar explicação alguma** [3].

1. 1 *Cor* 15, 31.
2. S. Josemaria, *Caminho*, n. 738.
3. Papa Francisco, Audiência geral, 17-VI-2015.

Mas não se pode esquecer que, como diz a Sagrada Escritura, *Deus não fez a morte nem se alegra com a perda dos que vivem* [4]. O homem foi criado com uma natureza mortal, mas a Sabedoria e a Omnipotência divinas tinham disposto que ele não morresse, se os nossos primeiros pais tivessem amado e obedecido fielmente aos mandamentos de Deus. Eles deixaram-se enganar pelo tentador, e o resultado está à vista: *assim como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte (...), assim também a morte chegou para todos os homens, porque todos pecaram* [5].

Sobre este assunto, muito ajudam e confortam tantas considerações do nosso Padre, que, entre outros textos, escreveu: ***A morte chegará inexoravelmente. Portanto, que oca vaidade a de centrar a existência nesta vida! Repara como sofrem tantas e tantos: uns, porque ela se acaba, custa-lhes deixá-la. A outros, porque dura demais, aborrece-os...***

Nunca se pode entender a nossa passagem pela Terra como um fim. É preciso sair dessa lógica errada, e firmar-se na outra, na eterna. E para isso é necessária uma mudança total: esvaziar-nos de nós mesmos, dos motivos egocêntricos, que são caducos, para renascermos em Cristo, que é eterno [6].

Somente um olhar de fé, para Jesus Cristo crucificado, nos permite vislumbrar este mistério, que tem mais de consolação que de tristeza. O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que, «graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. *Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro (Fl* 1, 21). *É digna de fé esta palavra: se tivermos morrido com Cristo, também com Ele viveremos* (2 *Tm* 2, 11). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Batismo, o cristão já "morreu com Cristo" sacramentalmente, para viver uma vida nova. Se morremos na graça de Cristo, a morte física consuma este "morrer com Cristo" e completa assim a nossa incorporação n'Ele, no Seu ato redentor» [7]. Embora não seja totalmente correta tem uma base de verdade, a resposta da mãe de um nosso irmão ao comentar, com fé, na hora da sua morte: "como não há de o Senhor receber-me, se eu O tenho recebido durante anos e anos na Comunhão de cada dia?"

A certeza da fé, unida à esperança e à caridade, tem a capacidade de desfazer o véu de tristeza e medo com que por vezes se encara o passo final da existência terrena. Mais ainda, com fé - como a partida dos santos desta Terra mostra com particular clareza - é possível acolher a morte em paz, porque se vai ao encontro do Senhor. ***Não tenhas medo da morte. - Aceita-a, desde agora, generosamente..., quando Deus quiser..., como Deus quiser..., onde Deus quiser. - Não duvides, virá no tempo, no lugar e do modo que mais convier..., enviada pelo teu Pai-Deus. Bem-vinda seja a nossa irmã, a morte!*** [8]

Estas reflexões são tradicionais na doutrina e na atuação cristã. Não pressupõem nada de negativo, nem pretendem fomentar inquietações irracionais, mas sim um santo temor filial, cheio de confiança em Deus. Encerram um realismo sobrenatural e humano, com sinais claros de que a sabedoria cristã, a partir da fé, dá tranquilidade e confiança à alma.

---

4. *Sb* 1, 13.
5. *Rm* 5, 12.
6. S. Josemaria, *Sulco*, n. 879.
7. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1010.
8. S. Josemaria, *Caminho*, n. 739.

O nosso Padre ensinou-nos a tirar consequências práticas da meditação sobre este momento e, em geral, sobre as últimas realidades. ***Não consideremos pois friamente estas coisas***, pregava numa ocasião para um grupo de filhos seus, ainda novos. ***Eu não quero que nenhum de vós morra. Guarda-os, Senhor, não os leves ainda pois são jovens, e aqui em baixo tens poucos instrumentos! Espero que o Senhor me ouça... Mas a morte pode vir a qualquer momento*** [9]. E concluía: ***que consciência tão objetiva nos traz a consideração da morte! Que bom remédio para dominar as rebeliões da vontade e a soberba da inteligência! Ama-a, e diz ao Senhor, com confiança: como Tu quiseres, quando Tu quiseres, onde Tu quiseres*** [10].

Naturalmente que a realidade da morte se torna mais dura quando se trata das pessoas mais queridas: pais, filhos, esposos, irmãos... Mas com a graça de Deus, **à luz da Ressurreição do Senhor, que não abandona nenhum daqueles que o Pai Lhe confiou, nós podemos privar a morte do seu «aguilhão», como dizia o apóstolo Paulo (1 *Cor* 15, 55), podemos impedir que ela envenene a nossa vida, que torne vãos os nossos afetos, que nos leve a cair no vazio mais obscuro** [11]. Nada mais certo do que isto: o Senhor quer-nos ao Seu lado para desfrutarmos da Sua santa visão e presença. Fomentamos diariamente esta esperança? Rezamos com amor, como o nosso Padre, o *vultum tuum, Dómine, requíram* [12], procuro, Senhor, o Teu rosto?

Estes momentos, que são acompanhados pela dor, podem ser - se a fé tem raízes profundas na família cristã, e de facto assim acontece muitas vezes - ocasião para reforçar os laços que unem entre si os diversos membros. **Nesta fé, podemos consolar-nos uns aos outros, conscientes de que o Senhor venceu a morte de uma vez para sempre. Os nossos entes queridos não desapareceram nas trevas do nada: a esperança assegura-nos que eles estão nas mãos bondosas e vigorosas de Deus. O amor é mais forte do que a morte. Por isso, o caminho consiste em fazer aumentar o amor, em torná-lo mais sólido, e o amor preservar-nos-á até ao dia em que todas as lágrimas serão enxugadas, quando *já não haverá morte, nem luto, nem pranto, nem dor* (*Ap* 21, 4)** [13].

Esta visão cristã oferece o verdadeiro antídoto para o temor que nos costuma assaltar ao comprovarmos a caducidade da existência terrena. Ao mesmo tempo, como já referi, nada mais natural que a morte dos entes queridos nos doa, e que choremos a sua partida. Também Jesus chorou pela morte de Lázaro, o amigo tão querido, antes de o ressuscitar. Mas sem exagerarmos, porque para um cristão coerente, morrer é *ir para a festa*. Assim se exprimia S. Josemaria, que comentava uma vez: ***quando nos disserem:*** **ecce spónsus venit, exíte óbviam ei *(*Mt *25, 6) - sai, porque vem o esposo, porque vem Ele buscar-te - pediremos a intercessão de Nossa Senhora. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora... e verás, na hora da morte! Que sorriso terás na hora da morte! Não haverá um gesto de medo, porque estarão os braços de Maria para te acolher*** [14].

---

9. S. Josemaria, Notas de uma meditação, 13-XII-1948.
10. S. Josemaria, Notas de uma meditação, 13-XII-1948.
11. Papa Francisco, Audiência geral, 17-VI-2015.
12. Cfr. *Sl* 26 [27], 8.
13. Papa Francisco, Audiência geral, 17-VI-2015.
14. S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 23-VI-1974.

O nosso Padre, quando o Senhor chamava à Sua presença alguma filha ou algum filho seu ainda jovem, *protestava* filialmente e sentia uma profunda dor, mas logo a seguir, aceitava a Vontade divina, que sabe o que realmente nos convém. E rezava: **Fiat, adimpleátur...,** ***faça-se cumpra-se, seja louvada e eternamente exaltada a justíssima e armabilíssima Vontade de Deus sobre todas as coisas! Amen. Amen*** [15]. E alcançava a paz.

Todos estes pensamentos devem sempre estar unidos à consideração de que a omnipotência de Deus nos devolverá a vida: *vita mutátur, non tóllitur* [16], a vida muda, não acaba. A segurança de nos sabermos perto de Deus, com todas as ajudas que, nesses momentos finais, a nossa Mãe Igreja nos dispensa, há de levar-nos a raciocinar assim: ***Senhor, eu acredito que ressuscitarei. Eu creio que o meu corpo se voltará a unir à minha alma, para reinar eternamente Contigo: pelos Teus méritos infinitos, por intercessão da Tua Mãe, pela predileção que tiveste comigo*** [17].

Filhas e filhos meus, esforcemo-nos por transmitir esta alegria e esta segurança da fé. Rezemos em cada dia pelas pessoas que irão render a alma ao Senhor, para que se abram à graça abundantíssima que Deus, por intercessão da Sua Mãe Santíssima, concede nesses momentos. E continuemos a rezar pela santidade de todas as famílias na Terra, para que as conclusões deste Sínodo nos animem a seguir com total fidelidade os desígnios de salvação que o Senhor inscreveu no próprio núcleo do casamento e da família.

Gostava que cada um meditasse na sabedoria da santa Igreja, que uniu a solenidade de Todos os Santos ao dia dedicado à comemoração de todos os fiéis defuntos, que é no dia seguinte: saboreai a alegria celestial que enche a liturgia deste mês e de todo o ano.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de novembro de 2015.

P.S. Dentro de alguns dias, irei para a Clinica da Universidade de Navarra, para me submeter a uma operação cirúrgica. Estarei muito unido a todas e a todos vós, e espero que me sustenteis com a fortaleza da vossa oração.

© *Prælatura Sanctæ Crucis et Operis Dei*

15. S. Josemaria, *Forja*, n. 769.
16. Missal Romano, Prefácio de defuntos I.
17. S. Josemaria, Notas de uma meditação, 13-XII-1948.